

Apresentação

Gabriela Fragoso¹

Enquanto parte intrínseca do projeto internacional «Literatura Infantojuvenil no Espaço Europeu: da matriz comum à diversidade – Investigação & Tradução», sediado no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa, o volume *Três Clássicos – Bambi-Heidi-Abelha Maia* constitui a última etapa de um percurso que teve início em 2010, com o colóquio «Sociedade e Ambiente na Literatura Infantojuvenil Portuguesa e Alemã», e culminou no colóquio «Recuperar os clássicos – reinventar os clássicos: Heidi, Abelha Maia, Bambi» (2016)².

Alguns dos investigadores que colaboraram nesses dois eventos já tinham contribuído com os seus textos para um anterior volume: *Literatura para a Infância. Infância na Literatura* (2013)³ e propõem agora, nesta nova publicação, dar visibilidade a três dos mais importantes clássicos da literatura infantojuvenil de expressão alemã. De facto, é de toda a justiça realçar o papel destas obras enquanto aglutinadoras de um saber que foi sendo transmitido de geração em geração nos mais diversos espaços culturais e linguísticos.

Rememorar estes textos é tanto mais necessário quanto as adaptações que deles existem não raramente ofuscam o texto original. Aquilo que a maioria

¹ Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Católica Portuguesa – Centro de Estudos de Comunicação e Cultura.

² A par destes dois colóquios, é de realçar a investigação e divulgação da literatura infantojuvenil em congressos organizados pela Associação Alemã de Lusitanistas (Deutscher Lusitanistenverband-DLV): o primeiro em Munique (2008), com a secção «Literatura Infantojuvenil de Expressão Portuguesa: escrita – investigação – ilustração»; o segundo, em Aachen (2015), com a secção «Do grande escritor para o pequeno leitor: (r)evoluções e transformações nos modos de escrita de autores consagrados que (também) escrevem para crianças e jovens».

³ *Literatura para a Infância. Infância na Literatura*. Org. Gabriela Fragoso, Ed. Universidade Católica, 2013.

dos leitores conhece – e no caso português isso é manifesto –, são sobretudo versões avulsas e simplificadas; de um modo geral, poucos leitores sabem que as mesmas têm a sua origem em textos muito mais densos e complexos. Por outro lado, as versões que circulam nas livrarias quase nunca revelam o nome dos autores. Quem sabe que Felix Salten escreveu *Bambi*? Quantos conhecem o nome de Waldemar Bonsels, autor de *A Abelha Maia*?

Dos três clássicos – *Heidi*⁴, da escritora suíça Johanna Spyri, *A Abelha Maia*⁵, de Waldemar Bonsels, e *Bambi*⁶, do austríaco Felix Salten –, o menos conhecido em Portugal é certamente *A Abelha Maia e as suas aventuras*. Conhece-se talvez a adaptação em desenho animado (uma coprodução germano-americano-japonesa) da década de 1970, possivelmente alguns conhecerão uma versão mais recente em 3D, de 2014, mas poucos saberão dizer quem escreveu a versão original desta história.

Felix Salten, o autor de *Bambi. Uma vida nos bosques*, é igualmente desconhecido, havendo inclusive a situação caricata de muitos austríacos estarem convencidos de que a história foi criada por Walt Disney no filme de animação de 1942. Disney assegurou os direitos exclusivos da obra de Salten nos anos 1930, e desde então tudo o que se relaciona com a pequena corça – brinquedos, jogos, artigos publicitários – traz a marca da poderosa companhia multinacional de entretenimento (Fernando Azevedo e Gabriela Fragoso aludem, neste volume, ao eclipse quase total do autor de *Bambi* no contexto internacional).

Existe uma tradução portuguesa de *Bambi*, publicada em 1944 (como Anne Burgert/Ângela Nunes e Amélia Cruz aqui referem), a qual, no final de 2016, foi reeditada, com ilustrações de Pedro Salvador Mendes, através de um projeto de *crowdfunding*, o que contribuiu para dar novo destaque à obra e fazê-la sobressair no meio de todas as versões de *Bambi* que até então circulavam em Portugal e que não passavam de adaptações baseadas na versão cinematográfica dos estúdios Disney; as próprias ilustrações, de animais infantilizados, seguiam os traços estilísticos e estéticos que se tornaram universais e que Janet Wasko, cientista da comunicação norte-americana, apelidou de «Classic Disney Modell» no seu livro *Understanding Disney: The Manufacture of Fantasy* (2001).

⁴ *Heidis Lehr- und Wanderjahre*, 1880 / *Heidi kann brauchen, was es gelernt hat*, 1881.

⁵ *Die Biene Maja und ihre Abenteuer*, 1912.

⁶ *Bambi. Eine Lebensgeschichte aus dem Walde*, 1923.

No que diz respeito ao mercado livreiro português, *Heidi* tem sido mais divulgada do que *Bambi*. E embora também essa obra – que compreende dois volumes – tenha sofrido adaptações, o nome da autora não é totalmente desconhecido, o que se deve, talvez, ao facto de, no nosso país, a história de *Heidi* ter sido, durante décadas, veiculada apenas através do texto, contrariamente a *Bambi*, cujo original ficou imerso num manancial de acessórios publicitários e de *merchandising* que deixou na sombra, tanto o livro original como o seu autor. Quanto a *Heidi*, nem o filme mudo de 1920, *Heidi of the Alps*, dirigido por Frederick A. Thomson, nem as filmagens subsequentes chegaram às salas portuguesas, pelo que as pressões comerciais a que o texto original poderia ter sido sujeito não se fizeram sentir.

O filme de 2015, *Heidi*, realizado por Alain Gsponer (e analisado por Patricia Viallet), também não encontrou grande eco nos cinemas portugueses, contrariamente ao que se verificou noutros países. Mas *Heidi* continua a ser, de entre os três clássicos, a história mais popular em Portugal, e os *topoi* que lhe são inerentes – como a ausência de violência, a natureza edénica ou a profunda religiosidade – podem ter contribuído para uma melhor adequação ao mercado livreiro infantojuvenil do Portugal conservador dos anos anteriores ao 25 de Abril de 1974. Já a mensagem veiculada pelos outros dois textos é substancialmente diferente: tanto em Salten, como em Bonsels, a natureza não é sinónimo de coexistência pacífica, mas quase sempre o lugar onde se desenrola a luta pela sobrevivência. Por outro lado, seria inútil procurar em *Bambi* e em *Maia* a vivência dócil e piedosa que constitui um elemento fundamental de *Heidi* (uma personagem imbuída de simbolismo supra-individual e universalmente humano, como escreve Hans-Heino Ewers). Os protagonistas de *Bambi* e *Maia* revelam absoluta obediência a uma entidade superior que reverenciam, como é exemplo a relação de Bambi com o pai – o velho príncipe da floresta. A ensaísta austríaca Daniela Strigl chamou a atenção para as similitudes entre o pai de Bambi e o imperador austríaco Francisco José⁷ e a escritora Marlene Streeruwitz foi ainda mais longe ao considerar que o *bestseller* de Felix Salten veiculava uma mensagem «protofascista»⁸.

⁷ Daniela Strigl, «Ist eine Reh-Sozialisierung überhaupt möglich?», *Literarische Welt*. 90 Jahre «Bambi» (09.04.2013). <https://www.welt.de/kultur/literarischewelt/article115109590/Ist-eine-Reh-Sozialisierung-ueberhaupt-moeglich.html>, aceso a 14-01-2021.

⁸ Streeruwitz, Marlene (2004). «Männer. Träume. Schäume». *In* Gegen die tägliche Beleidigung.: Vorlesungen. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 135-150.

A despeito de uma certa irreverência e ingenuidade, também Maia, a abelha, está fascinada pela sua rainha, e assume mesmo a sua disponibilidade em dar a vida pela soberana, uma atitude que todas as outras abelhas seguem sem hesitar quando o povo inimigo das vespas se aproxima da colmeia e um combate de vida e de morte se torna inevitável. Se tivermos em consideração que o livro de Bonsels foi dado à estampa em 1912, ou seja, em pleno período guilhermino, numa altura em que a Alemanha exigia o seu «lugar ao sol» no contexto das restantes potências europeias, o leitor mais informado não poderá deixar de associar a componente belicista veiculada pelo texto de Bonsels aos rígidos princípios de dever e de autossacrifício que eram exigidos aos súbditos de Guilherme II nos anos que antecederam a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Em recensões vindas a lume em 2012, por ocasião do centésimo aniversário da publicação do livro, Maia foi mesmo designada de «abelha guilhermina» («*wilhelminische Biene*»). Curiosamente, e apesar da hostilidade franco-germânica que marcou essa época, ela não parece ter representado um obstáculo à primeira tradução do livro para francês, ocorrida em 1926. De acordo com a análise de Mathilde Lévêque, terão sido essencialmente questões estéticas e de inserção da obra numa determinada faixa etária que causaram alguns constrangimentos.

A componente tradutória e de receção de traduções constitui um ponto fulcral de análise no presente volume: quer se trate de *Bambi*, de *Maia* ou de *Heidi* (esta última analisada por Naroa Zubillaga, nas adaptações à língua basca) –, as traduções são um sinal claro da importância que revestem na aproximação entre leitores, o mesmo é dizer, entre culturas. Os textos que integram este volume são um contributo para libertar os três clássicos da imensa mole de adaptações – filme, banda desenhada, DVD, publicidade –, fazendo realçar os textos originais e sublinhando a importância dos mesmos enquanto matriz de um imaginário que é comum a várias gerações de leitores em todo o mundo, bem como destacar a sua receção dentro e fora do espaço de língua alemã.

Esperemos, então, que talvez outros clássicos de expressão alemã, antigos e modernos – alguns referidos aqui por Hans-Heino Ewers no ensaio introdutório – sejam traduzidos, levando ao conhecimento do leitor português – infantil e adulto – uma rica e variada literatura.